

Novas configurações urbana e regional no espaço perimetropolitano de Belo Horizonte: o caso do aglomerado urbano de Ouro Preto, Mariana e Itabirito.

Alfio Conti – Professor do Departamento de Urbanismo da EAUFMG

Elisângela Almeida Chiquito Martins – Professora do Departamento de Urbanismo da EAUFMG

Marina Magalhães de Castro – Graduanda em Arquitetura e Urbanismo na EAUFMG

Ana Carolina Ferreira – Arquiteta e Urbanista

RESUMO

O espaço perimetropolitano (sua conformação, sua estrutura e seus processos) é ainda hoje um espaço pouco estudado por parte da academia, historicamente concentrada no estudo dos grandes centros urbanos do país. Trata-se de uma postura que pode ser explicada pela importância das questões que envolvem as metrópoles e os grandes centros no processo de urbanização no Brasil, o que acabou por produzir um vácuo na investigação urbana e regional em detrimento das pesquisas sobre as questões não metropolitanas. Nos anos 1970/80, em paralelo à configuração da metrópole como objeto de estudo por excelência, uma série de políticas e programas em nível nacional e estadual passou a pautar o desenvolvimento econômico com o objetivo de equilibrar a rede urbana. A partir dos anos de 1990 já percebe-se os efeitos das políticas descentralizadoras, quando também as atenções se voltam, mesmo que de maneira ainda incipiente, para o estudo do papel das cidades de médio porte não-metropolitanas.

A atenção à cidade de médio porte e às estruturas urbanas que a integram volta-se em decorrência, de um lado, do acirramento dos problemas nas metrópoles e, do outro, em decorrência do arrefecimento do crescimento metropolitano cujos sinais que aparecem na década de 1980 se confirmam em 2000 e em 2010 com os dados do censo nacional.

O que se assiste hoje no cenário urbano e regional brasileiro é a diminuição do crescimento dos centros metropolitanos, sustentada em geral, por processos de melhoria da infraestrutura viária (duplicações de rodovias, capilarização do sistema de transporte coletivo, etc.). A diminuição do crescimento que se manifesta no âmbito demográfico associa-se à saída, dos centros metropolitanos, de importantes atividades econômicas (industriais e comerciais); em contrapartida assiste-se ao crescimento quantitativo e qualitativo dos centros urbanos localizados nas margens periféricas das regiões metropolitanas, assim como dos centros urbanos que se localizam no espaço perimetropolitano e que mantêm uma forte relação com o centro metropolitano.

Na atualidade, as estruturas urbanas e regionais do espaço perimetropolitano desempenham um papel cada vez mais importante no reequilíbrio regional e na mediação da polarização metropolitana. Neste processo as cidades de porte médio desempenham um papel muito importante, passando por importantes mudanças que afetam suas características morfológicas e funcionais, especialmente quando estas compõem estruturas novas e complexas, como quando

pertencem a aglomerados urbanos. Nestas situações as cidades configuram suas características e funções para poder trabalhar em conjunto com outras, como partes de uma única grande cidade, mantendo suas individualidades e identidades, complementando suas funções e trocando fluxos, materializando-se relações de tipo horizontal.

Outro aspecto que chama atenção e será tratado nesse trabalho é a transformação dos espaços periurbanos, com o aparecimento do processo de difusão urbana alterando a estrutura de espaços regionais considerados outrora rurais, mas que, na atualidade, se configuram como algo diferente que precisa ser investigado e entendido.

Com base nos conceitos do espaço perimetropolitano de Belo Horizonte de Conti (2009), este trabalho busca investigar as características e os processos em curso no aglomerado urbano de Ouro Preto – Mariana - Itabirito e suas transformações como consequência do processo de reorganização da rede urbana e dos processos de difusão do espaço urbano.

INTRODUÇÃO

A rede urbana brasileira vem passando por mudanças significativas nas últimas décadas, denotando uma redução da tendência à concentração nos grandes centros urbanos. Os resultados dos Censos evidenciaram a diminuição no ritmo de crescimento da população de forma generalizada no Brasil - de 2,48% em 1980, caiu para 1,17% em 2010 - mas em escala muito mais acentuada nas regiões metropolitanas, notadamente nas capitais regionais. Na Região Metropolitana de Belo Horizonte - RMBH, o crescimento populacional passou de 4,67% na década de 1970 para 1,40% na década de 2000 (IBGE, Censos Demográficos).

Em Minas Gerais verifica-se um crescimento acentuado especialmente nos municípios de porte entre 100 mil e 1 milhão de habitantes, que crescem a taxas mais altas que a metrópole de Belo Horizonte. Nos anos 2000, os 28 municípios pertencentes a essa categoria receberam 91% de todo o incremento populacional do estado (Mendonça e Caetano, 2010). Nessa mesma década, enquanto o município de Belo Horizonte cresceu a uma taxa de 0,60%, os 25 municípios de porte médio cresceram 1,62%, e de grande porte a 5,17%.

Em termos gerais, os municípios de porte médio e grande que passaram a crescer mais que a metrópole são, por um lado, municípios dispersos pelo território do estado, receberam pesados investimentos para figurar como polos de desenvolvimento no contexto das políticas federais e estaduais de descentralização nos anos 1970. É o caso dos municípios de Araguari, Barbacena, Conselheiro Lafaiete, Governador Valadares, Itabira, Sete Lagoas, Montes Claros, Muriaé, Passos, Patos de Minas, Poços de Caldas, Pouso Alegre, Teófilo Otoni, Ubá, Uberaba, Uberlândia, Varginha e Juiz de Fora, que foram selecionadas pelo Programa Estadual de Cidades

Médias para receberem investimentos urbanos no período de 1976/79 com o objetivo de “evitar o agravamento de desequilíbrios regionais e a manutenção de vazios urbanos em regiões menos dinâmicas do Estado”¹. Por outro lado, são municípios que gravitam em torno do núcleo metropolitano de Belo Horizonte, sejam eles pertencentes à própria RMBH ou ao colar metropolitano, cuja expansão está diretamente vinculada ao processo de expansão metropolitana: Ibirité, Betim, Santa Luzia, Vespasiano, Sabará, Ribeirão das Neves.

Na RMBH, verificamos que a inversão da taxa de crescimento entre o núcleo metropolitano e os demais municípios se deu nos anos 1960. Belo Horizonte, que nos anos de 1950 crescia a 7%, passa na década seguinte a crescer a 5,9%, enquanto os demais municípios da RMBH passam de 3,4% para 7,4% no mesmo período. Acompanhando a redução da taxa de crescimento populacional brasileira, a partir de 1960 o ritmo de crescimento metropolitano diminui, mas ainda assim os municípios da RMBH, exceto Belo Horizonte, crescem a taxas altas – 6,3% na década de 1970, 4,8% nos anos de 1980, 3,9% nos anos de 1990 e 1,7% na década de 2000, superando em muito o crescimento no Brasil (Mendonça, 2002; IBGE, 2010).

Esse processo remete a um movimento de desconcentração-concentrada e no caso da RMBH possui especificidades que vêm sendo amplamente analisadas por um grupo consolidado de autores, sob diferentes óticas.² Diante da consolidação da Região Metropolitana de Belo Horizonte como um espaço que concentra grande parte do desenvolvimento do Estado e do maior crescimento dos municípios do entorno em detrimento da capital, o espaço perimetropolitano desempenha um papel cada vez mais importante no processo de urbanização contemporânea, como espaços que tendem a receber os efeitos da desconcentração metropolitana. Os municípios pertencentes ao chamado colar metropolitano, definido pelo PDDI-RMBH, têm essa característica. São municípios que fazem fronteira com a Região Metropolitana e que tendem a absorver esse processo.

Nesse sentido, a compreensão das estruturas e das especificidades dos espaços perimetropolitanos se faz necessária. Ao mesmo tempo em que os municípios de porte médio que gravitam em torno da RMBH desempenham um papel muito importante no processo de desconcentração metropolitana, em Minas Gerais alguns municípios compõem estruturas novas e complexas, compreendidas como aglomerados urbanos, que não podem ser analisados de forma dissociada. O aglomerado urbano de Itabirito, Ouro Preto e Mariana é um exemplo dessa situação.

1 FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO/ CDU. Programa Estadual de Cidades Médias. Documento 1. (FERREIRA, Carlos Maurício de Carvalho; MONTE-MOR, Roberto Luís - coords.) Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro.

2 A este respeito verificar a produção dos pesquisadores que integram a rede Observatório das Metrôpoles, núcleo Belo Horizonte, entre eles Mendonça e Godinho (2003) e Andrade, Mendonça e Faria (2008).

Itabirito é um município que pertence ao colar metropolitano, limítrofe à RMBH, mas que se o analisarmos juntamente com Ouro Preto e Mariana configuram como partes de uma “única cidade”, apresentando características e funções complementares e trocando fluxos, materializando relações de tipo horizontal, mesmo mantendo sua individualidade e identidade. Nesse sentido, os municípios perimetropolitanos, ou seja, que se localizam nas franjas das regiões metropolitanas, requerem atenção especial na compreensão das especificidades dos seus processos no sentido de direcionar ações que possam auxiliar na prevenção de efeitos indesejados (ou perversos) do processo de urbanização.

Além da compreensão das transformações recentes na rede urbana, para o estudo dos espaços perimetropolitanos é necessária uma compreensão das especificidades dos “novos processos de urbanização” e de expansão metropolitana. Para Soja (2000), esses processos são parte da reestruturação produtiva e dos processos de globalização, baseados na revolução tecnológica e na configuração de novas redes informacionais que extrapolam territórios e fronteiras, possibilitando o surgimento de novas formas de distinção sócio-espacial e de formas urbanas, e uma progressiva privatização do território urbano.

No Brasil, entre as pesquisas que têm se dedicado a desvendar esses processos e a formular novos conceitos para sua compreensão, podemos citar os trabalhos de Monte-Mór (1994), Reis (2007) e Lencioni (2012). Seguindo a linha de Soja (2000), o trabalho de Monte-Mór (1994) define como urbanização extensiva os processos de urbanização que se estendem para além das cidades, em redes que penetram virtualmente todos os espaços regionais integrando-os em malhas mundiais, e que redefinem a compreensão dual entre rural e urbano.

Para Reis (2007), esses processos no caso da Região Metropolitana de São Paulo - RMSP são caracterizados pela dispersão urbana, em que a urbanização estende-se por um vasto território, provocando o esgarçamento do tecido urbano com núcleos urbanos de diferentes dimensões e características, formando uma espécie de constelação, com áreas não urbanizadas em seus interstícios, integrados às metrópoles ou grandes centros por um sistema viário, geralmente utilizando rodovias como apoio ao transporte diário, configurando assim um único sistema urbano.

Ao analisar as especificidades do processo de urbanização nas metrópoles latino-americanas nas últimas décadas, Lencioni (2012) detecta três pontos comuns: um crescimento territorial extensivo que não segue os recortes administrativos, um desenho territorial diferente do produzido no período da industrialização substitutiva de importações que havia vigorado na América Latina desde os anos 1930, e uma paisagem formada por um arquipélago de urbanizações, formando um aglomerado fragmentado e difuso.

No caso brasileiro, não há como dissociar os novos processos de urbanização, tais como analisados pelos autores, do processo de acumulação do capital através da propriedade e renda da terra. Costa et al. (2005) analisam exaustivamente as especificidades da intensa expansão urbana que ocorre de modo relativamente disperso ao longo dos principais eixos viários ao sul da Região Metropolitana de Belo Horizonte. De maneira geral, o eixo-sul caracteriza-se pela instalação de empreendimentos imobiliários voltados a uma camada de renda mais alta que se utilizam do *marketing urbano*, associando atributos ambientais/paisagísticos e mobilidade regional por rodovias, além de figurar como nova possibilidade de investimentos na reversão do uso da terra pela mineração, que concentra grande parte da propriedade fundiária. Como evidencia Costa (2003), essa expansão corresponde a um processo não comprometido com políticas e estratégias de localização industrial, e não resulta, na maior parte das vezes, no desenvolvimento econômico dos municípios.

Estudos sobre o processo de difusão urbana nos espaços perimetropolitanos têm sido desenvolvidos mais recentemente. O trabalho de Randolph (2005) analisa a ocupação urbana difusa através da instalação de condomínios horizontais fechados na área perimetropolitana do Rio de Janeiro, focando no caso do município de Petrópolis, onde analisa os interesses do mercado imobiliário e a preservação ambiental da Mata Atlântica.

O estudo dos processos de urbanização do Aglomerado Urbano de Ouro Preto – Mariana - Itabirito é parte do esforço de compreensão dos processos de urbanização que extrapolam os limites administrativos, metropolitanos e municipais, e que se conformam, por um lado, a partir de um movimento centrípeto da polarização metropolitana e, por outro, aos novos processos de urbanização caracterizados pela dispersão urbana, sobretudo ao longo das rodovias, que extrapolam os limites municipais e configuram territórios que devem ser compreendidos e pensados em seu conjunto. O aglomerado urbano de Ouro Preto- Mariana - Itabirito é uma das regiões que tem sentido os efeitos do processo de expansão metropolitana do eixo-sul da RMBH, que associa a implantação e melhoria do sistema de transporte rodoviário aos interesses do mercado imobiliário em investimentos que incorporam as estratégias de marketing urbano direcionadas para as classes de renda mais alta e que valorizam os atributos ambientais/paisagísticos e podem dar novo uso rentável às terras esgotadas pela mineração.

2. O espaço perimetropolitano de Belo Horizonte e os aglomerados urbanos da região Leste Sudeste de Ouro Preto, Mariana e Itabirito

O que se assiste no espaço perimetropolitano de Belo Horizonte é a consolidação de espaços regionais com características próprias, com diferentes graus de complexidade, em alguns casos significativos. Segundo Conti (2009) este espaço é composto por cinco regiões, três das quais são consideradas como as regiões principais que caracterizam o espaço perimetropolitano, sendo que

as outras duas são espaços regionais predominantemente rurais. As regiões principais são: a região Norte Noroeste que, chefiada pela cidade de Sete Lagoas, possui um sistema urbano com uma estrutura hierárquica de tipo rígido nos moldes do modelo christalleriano; a região Centro Oeste que, chefiada pela cidade de Divinópolis, possui um sistema urbano complexo com a presença de polarizações sub-regionais e de aglomerados urbanos em formação, como o caso de Pará de Minas – Itaúna, Nova Serrana – Bom Despacho, Formiga – Arcos - Pains; e a região Leste Sudeste que, correspondendo à região do Quadrilátero Ferrífero, não possui um único centro regional polarizador, mas que há a presença de um número significativo de aglomerados urbanos consolidados.

Na região Leste-Sudeste são identificados os quatro aglomerados urbanos: o aglomerado urbano chefiado pela cidade de Itabira, ao qual pertencem, também, as cidades de João Monlevade, Nova Era, São Gonçalo do Rio Abaixo e Bela Vista de Minas; o aglomerado urbano chefiado pela cidade de Santa Barbara, ao qual pertencem, também, as cidade de Barão de Cocais e Catas Altas; o aglomerado chefiado pela cidade de Conselheiro Lafaiete, ao qual pertencem, também, as cidades de Congonhas e Ouro Branco; e o aglomerado urbano liderado pela cidade de Ouro Preto, ao qual pertencem, também, as cidade de Mariana e Itabirito, objeto deste artigo.

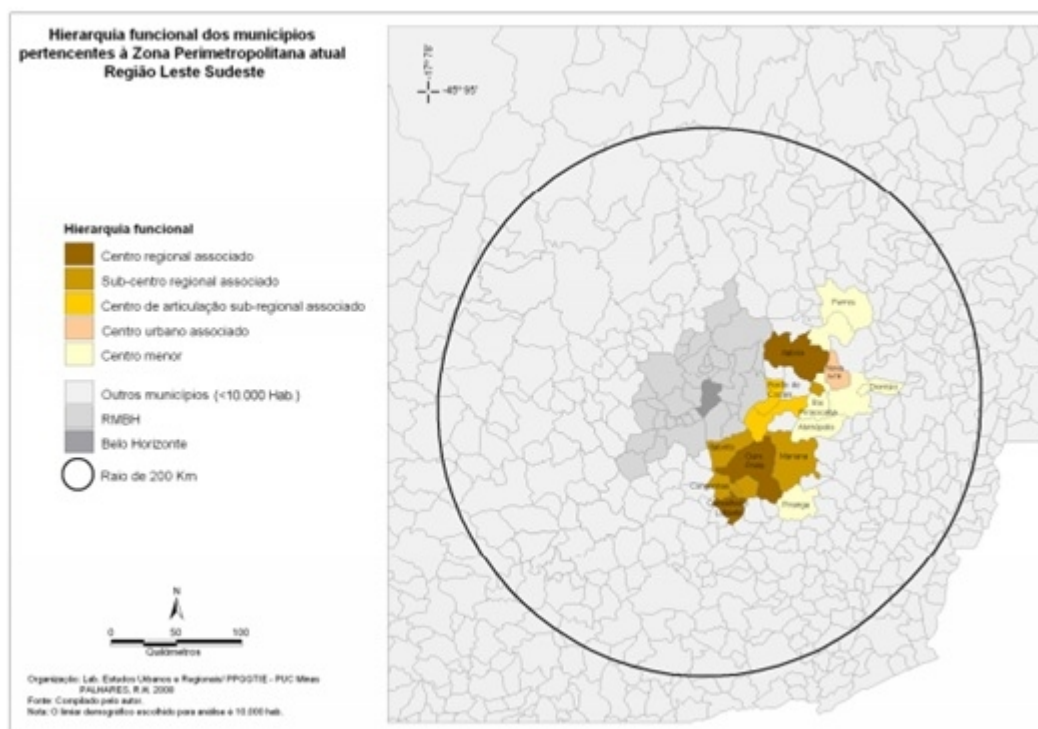


FIGURA 1: Mapa da hierarquia funcional dos municípios pertencentes à região Leste Sudeste do espaço perimetropolitano de Belo Horizonte.

Os aglomerados urbanos da região Leste Sudeste são aqueles que até agora foram estudados com mais atenção, embora seja necessário dar continuidade a estes estudos de forma mais

pormenorizada. Conti e Vieira (2015) definiram a evolução da hierarquia urbana e da tipologia funcional de cada uma das cidades centrais destes aglomerados, com exclusão do aglomerado urbano chefiado pela cidade de Santa Barbara³. Para fazer isso foi utilizado um método estatístico de análise multivariada que utiliza uma série histórica de um conjunto significativo de variáveis socioeconômicas. Neste trabalho os autores entenderam por cidade centrais aquelas que se encontram em um dos três níveis das cidades médias (centro emergente, cidade média propriamente dita, cidade média de nível superior), foi possível assim redigir a classificação de importância das cidades dentro do recorte regional, tanto no que diz respeito à hierarquia urbana, quanto à tipologia funcional e elaborar os agrupamentos dos centros urbanos por aglomerado, para cada sub-região (norte, centro e sul), esclarecendo assim a composição em termos qualitativos e quantitativos das cidades centrais que compõem os aglomerados urbanos da região Leste Sudeste.

Posição	Microrregião	Cidade	Factor1	Diferença	Grupos	Hierarquia	Hierarquia funcional	Subregião
1	Itabira	Itabira	22.03757	0.00000	1	CMNS	CSA	Norte
2	Conselheiro Lafaiete	Conselheiro Lafaiete	15.53427	6.50330	2	CMNS	CSA	Sul
3	Ouro Preto	Ouro Preto	9.95701	5.57726	3	CMPD	CSA	Central
4	Ouro Preto	Mariana	7.89323	2.06377	4	CMPD/CENS	SCRA1	Central
5	Itabira	João Monlevade	7.51276	0.38048	4	CMPD/CENS	SCRA1	Norte
6	Conselheiro Lafaiete	Congonhas	5.41637	2.09639	5	CENS	SCRA2	Sul
7	Conselheiro Lafaiete	Ouro Banco	5.12300	0.29337	5	CE	SCRA2	Sul
8	Ouro Preto	Itabirito	4.14382	0.97918	5	CENS	SCRA2	Central

Hierarquia

CMNS=Cidade Média de Nível Superior

CMPD=Cidade Média Propriamente Dita

CMPD/CENS=Cidade Média Propriamente Dita/Centro Emergente de Nível Superior

CENS=Centro Emergente de Nível Superior

CE=Centro Emergente

Hierarquia Funcional

CSA=Centro Subregional Associado

SCRA1=Subcentro Regional Associado de Nível 1

SCRA2=Subcentro Regional Associado de Nível 2

QUADRO 1: Cidades centrais, classificação, hierarquia urbana, agrupamentos e hierarquia funcional a partir do índice síntese integrado (CONTI e VIEIRA; 2015).

O quadro que emerge é que cada aglomerado possui características peculiares dentro de um conjunto de padrões similares, podendo se aplicar o conceito de “variações dentro de um mesmo tema”, e isso aparentemente não se apresenta como um fator negativo, pelo contrário, as especificidades podem ser vistas como adequações a situações sub-regionais e locais específicas dentro da perspectiva comum de aumentar a polarização e a força do aglomerado urbano.

Outro aspecto importante encontrado e que se constitui como pressuposto por quanto visto até agora é a presença de todos os níveis de hierarquia urbana que caracterizam a categoria das cidades médias, indicando e confirmando como esta apresenta um grau significativo de flexibilidade adaptando-se, e por sua vez estruturando, os espaços sub-regionais que elas ocupam e polarizam. A este respeito a hierarquia funcional acaba desvendando o papel de cada centro urbano dentro do próprio aglomerado reforçando o que acabou de se afirmar.

³ O aglomerado chefiado pela cidade de Santa Barbara não foi objeto de estudo por ser um aglomerado menor e por ser polarizado pelo aglomerado urbano chefiado pela cidade de Itabira.

Posição	Cidade	Factor1	TOTAL Factor1	Hierarquia	Hierarquia funcional
AGLOMERADO URBANO DA SUBREGIÃO NORTE					
1	Itabira	22.03757	29.55033	CMNS	CSA
5	João Monlevade	7.51276		CMPD/CENS	SCRA1
AGLOMERADO URBANO DA SUBREGIÃO SUL					
2	Conselheiro Lafaiete	15.53427	26.07364	CMNS	CSA
6	Congonhas	5.41637		CENS	SCRA2
7	Ouro Banco	5.12300		CE	SCRA2
AGLOMERADO URBANO DA SUBREGIÃO CENTRAL					
3	Ouro Preto	9.95701	21.99406	CMPD	CSA
4	Mariana	7.89323		CMPD/CENS	SCRA1
8	Itabirito	4.14382		CENS	SCRA2

Hierarquia

CMNS=Cidade Média de Nível Superior

CMPD=Cidade Média Propriamente Dita

CMPD/CENS=Cidade Média Propriamente Dita/Centro Emergente de Nível Superior

CENS=Centro Emergente de Nível Superior

CE=Centro Emergente

Hierarquia Funcional

CSA=Centro Subregional Associado

SCRA1=Subcentro Regional Associado de Nível 1

SCRA2=Subcentro Regional Associado de Nível 2

QUADRO 2. Classificação dos aglomerados urbanos, hierarquia urbana e hierarquia funcional das cidades centrais (CONTI e VIEIRA; 2015).

Ademais a investigação apontou a presença de um processo de consolidação, fortalecimento e busca de equilíbrio dos centros urbanos em busca do fortalecimento do aglomerado urbano como um todo, o que reforça mais ainda a hipótese levantada por Conti em todos os seus trabalhos de investigação sobre a região leste sudeste, de que se trata de uma única cidade de porte e hierarquia maior.

3. O aglomerado urbano de Ouro Preto – Mariana - Itabirito

O aglomerado de Ouro Preto – Mariana - Itabirito polariza a sub-região central. A parte mais importante deste aglomerado corresponde ao seu núcleo central que é composto pelas cidades de Ouro Preto e Mariana, as quais se encontram em processo de conurbação e é composto por uma terceira cidade, Itabirito, que dos centros urbanos é aquele mais dinâmico do ponto de vista econômico e demográfico.

Ouro Preto e Mariana são cidades médias propriamente ditas, a primeira pertencente a esta categoria há mais tempo que Mariana, que acabou de entrar neste nível hierárquico. Ambas as cidades possuem taxas de crescimento positivas e as duas cidades somam uma população de 124.406 hab. o que corresponde a uma cidade média de nível superior. Este aglomerado se torna ainda mais interessante- quando se analisa o papel da cidade de Itabirito, a terceira cidade a compor este aglomerado urbano, que é um centro emergente que se encontra no limiar superior deste nível hierárquico, com altas taxas de crescimento demográfico e dos três centros urbanos, é aquele mais dinâmico.

Analisando a base econômica dos centros urbanos que compõem esse aglomerado constata-se

que todos eles possuem a mesma base econômica pautada, com valores expressivos, na indústria do setor da mineração e siderurgia, sendo esta a base econômica principal deste aglomerado. A atividade turística, considerando que dois dos três centros urbanos são cidades históricas importantes nacional e internacionalmente (Ouro Preto possui, desde 1980, o título de patrimônio cultural da humanidade), é uma atividade econômica que pode ser considerada, até certo ponto, marginal na geração da riqueza das cidades.

Do ponto de vista da hierarquia funcional Ouro Preto desempenha, dentro do aglomerado, o papel mais importante e por isso é considerado como um centro regional associado enquanto Mariana e Itabirito desempenham o papel de subcentros regionais associados.

Do ponto de vista morfológico o aglomerado urbano tem um formato linear, se desenvolvendo ao longo da rodovia federal da BR 356. Nas extremidades estão as cidades de Itabirito e Mariana. Em posição central, mais próxima da segunda está Ouro Preto.

DIAGRAMA AGLOMERADO URBANO OURO PRETO - MARIANA E ITABIRITO

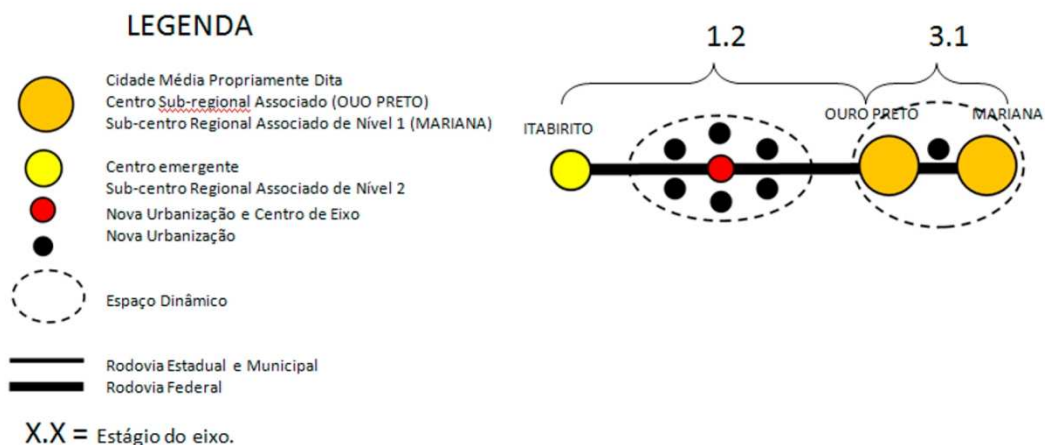


FIGURA 2: Diagrama do Aglomerado Urbano chefiado por Ouro Preto.

O eixo Ouro Preto - Mariana é o menor em extensão, com pouco mais de três quilômetros, com conformação simples. Ao centro dele há uma urbanização antiga, o distrito de Passagem de Mariana, na porção mais próxima de Ouro Preto há um agregado urbano em formação composto pelo bairro Liberdade, com a presença de uma agregação linear ao longo da BR 356 e um novo assentamento, sendo este um condomínio fechado recentemente criado já dentro do território de Mariana. As franjas mais periféricas dos dois centros urbanos chegam quase a se conurbar com estas novas urbanizações, todavia a conurbação entre os centros urbanos em questão ainda não se materializou de fato por causa da conformação físico-geográfica deste espaço, que resulta ser muito complexa pela presença de vertentes muito íngremes, que são as margens encaixadas do Ribeirão do Carmo. Estas condicionantes dificultam e inibem o processo de ocupação. Este eixo está ainda em formação com a presença expressiva de novas urbanizações.

O eixo Ouro Preto - Itabirito tem uma dimensão e uma complexidade muito maior. Com uma extensão aproximada em torno de 30 quilômetros, apresenta numerosas urbanizações, boa parte das quais foram se formando recentemente, a partir de uma estrutura de suporte antiga, que remonta ao século XVII e que está intimamente ligada à busca e exploração do ouro. A estrutura de suporte é formada por uma rede viária articulada em cujos nós localizam-se vários núcleos urbanos, que ao longo do tempo, viraram distritos. O maior dele é o distrito de Cachoeira do Campo, que se destaca como a maior e mais importante urbanização deste eixo, com uma população aproximada de 10.000 habitantes. Além de possuir um núcleo histórico com edifícios do século XVII e XVIII tombados pelo patrimônio, possui um setor de comércio e serviços que atende as outras urbanizações localizadas ao longo do eixo.

Entre as outras urbanizações destacam-se o distrito de Santo Antônio do Leite, localizado a sudoeste de Cachoeira do Campo, e com acesso viário pela rodovia estadual MG 030, ao longo da qual se encontram alguns assentamentos pontuais mais afastados (Engenheiro Correia e Miguel Burnier) e o distrito de Glaura localizado ao norte. Ambos os distritos são próximos, formando um núcleo central deste eixo que acaba sendo reforçado pela urbanização de Amarantina, que se encontra quase conurbada com Cachoeira do Campo, e pela presença de novos assentamentos em formato de condomínios fechados. Em volta do núcleo central deste eixo se encontram numerosos assentamentos pontuais e filamentos que acabam fortalecendo a centralidade e a complexidade deste espaço.

Se na proximidade de Ouro Preto a presença de uma serra impede a ocupação, de tal forma que existe um espaço quase livre entre Cachoeira do Campo e Ouro Preto, no caso de Itabirito a topografia suave faz com que as novas urbanizações cheguem próximas das franjas periféricas da malha urbana da cidade. De fato, considerando o processo de expansão de Itabirito, nas proximidades do seu vetor leste de expansão, aquele com as maiores taxas de crescimento, encontram-se numerosos assentamentos pontuais e novos assentamentos indicando a existência de um processo de difusão das funções urbanas ao longo deste eixo. Neste espaço destaca-se também o distrito de Acuruí que, de implantação antiga, possui ao seu redor novos assentamentos em formato de condomínios fechados, resultando em um elemento de atração para a expansão urbana de Itabirito na direção noroeste. Este eixo encontra-se consolidado com urbanizações conurbadas e com a possibilidade concreta que se desenvolva, em prazo médio, um processo de conurbação com a cidade de Itabirito.

Outro espaço que chama atenção nesse aglomerado urbano é parte do espaço periurbano de Mariana, particularmente aquele estruturado pela BR 356 onde há a presença de novas urbanizações que chamam atenção por ter um processo rápido de crescimento. Acredita-se que este processo aconteça por ser, este espaço, uma região que se presta, por sua conformação e por não ser ocupada por mineradoras, a processos de crescimentos decorrentes da

descentralização de parte da população de Mariana, com a criação de loteamentos e condomínios com casas de veraneio e residências fixas.

4. O processo de expansão urbana do aglomerado de Ouro Preto – Mariana - Itabirito e a configuração dos novos espaços periurbanos.

A análise dos processos de expansão da área urbanizada do Aglomerado Urbano de Itabirito, Ouro Preto e Mariana entre 1980 e 2016, a partir das análises de imagens de satélite, aponta uma expansão que ocorre tanto nas cidades centrais quanto nos espaços periurbanos ao longo dos eixos do aglomerado. Com relação aos núcleos urbanos percebe-se uma taxa de expansão quase parecida, entre os distritos sede de Ouro Preto e Mariana, que se atesta na média de 25% para cada década, com uma aparente aceleração nos últimos cinco anos sendo, no acumulado de 19,41% para Ouro Preto e de 14,36% para Mariana, gerando a projeção de taxas muito elevadas, entre 30 e 40% para estas duas cidades á conclusão da década corrente.

A expansão de Itabirito segue um ritmo mais forte ainda de mais de 40% por cada década, embora esta taxa não se mostre constante, mas em uma trajetória de queda, já que a taxa da década de 2000 a 2010 era de pouco mais de 8%; entretanto, os últimos cinco anos apontam uma nova aceleração com uma taxa de mais de 62%, o que gera uma projeção de mais de 100% no final da década corrente. Acredita-se, entretanto, que estas projeções não se confirmem em razão da crise econômica que afeta o Brasil desde 2014.

Com relação ao processo de expansão do tecido urbano nos eixos do aglomerado analisou-se o eixo Ouro Preto - Itabirito por ser o mais complexo, e descobriu-se que houve uma grande expansão entre a década de 1980 e 1990, com uma taxa superior a 370%; já nas décadas seguintes a taxa arrefeceu, atestando-se por volta de 20% com uma aparente nova aceleração nos últimos cinco anos, chegando a uma projeção de mais de 25%.

A análise conjunta do mapeamento do crescimento do tecido urbano, associada às taxas de crescimento do tecido urbano dos núcleos urbanos e do eixo considerado, e às taxas de crescimento demográfico por década no período de 1980 a 2016 revela, de maneira geral, que entre 1980 a 1990 há o crescimento demográfico acelerado das três cidades, mas destaca-se a estruturação e consolidação do processo de expansão e crescimento dos eixos, de tal forma que, pode-se dizer, neste período ocorre, de fato, a *formação do Aglomerado Urbano de Ouro Preto, Mariana e Itabirito*. Nos anos de 1990 continua o crescimento das urbanizações nos eixos e o crescimento acelerado das três cidades, com destaque para Mariana; pode-se dizer assim que, neste período, há a *consolidação e fortalecimento do núcleo central do aglomerado urbano composto por Ouro preto e Mariana*; na década de 2000 a consolidação do núcleo central do aglomerado corresponde ao crescimento de Itabirito, que busca ingressar no nível hierárquico das cidade médias propriamente ditas; pode-se dizer, assim, que neste período há a *busca de um*

equilíbrio de conjunto no aglomerado urbano que ocorre no final da década; a partir de 2010 até hoje em dia há um processo ainda em curso de fortalecimento do conjunto do aglomerado urbano como um todo (núcleos urbanos e eixos).

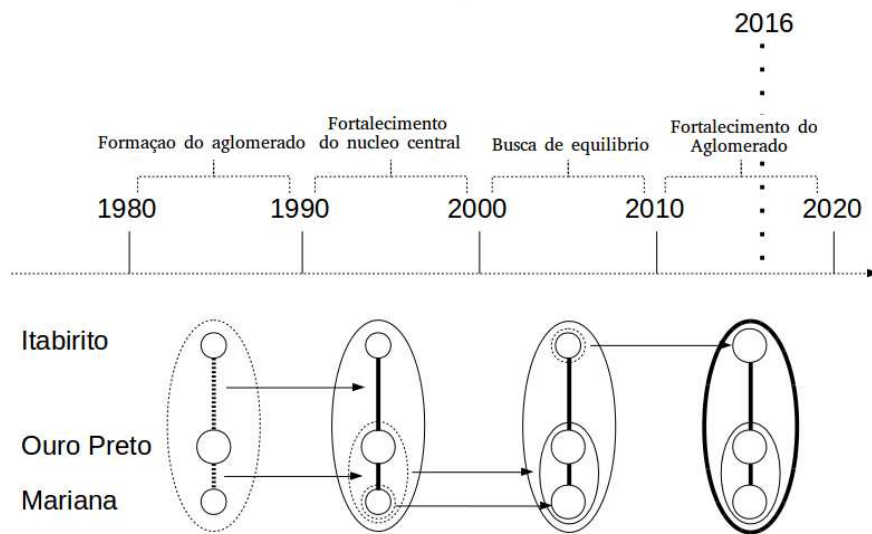


FIGURA 3: Evolução do Aglomerado Urbano de Ouro Preto, Mariana e Itabirito ao longo das últimas três décadas.

No processo de crescimento do aglomerado urbano a complexificação morfológica e funcional do tecido urbano das cidades corresponde a uma complexificação do espaço periurbano ao longo dos eixos com um processo de difusão urbana que encontra, no eixo Itabirito – Ouro Preto, a estrutura viária e os núcleos urbanos existentes de mais antiga fundação, assim como as condições topográficas favoráveis à ocupação, o suporte ideal para o crescimento; e no eixo Ouro Preto – Mariana a estrutura viária e os núcleos urbanos existentes muito próximos entre si como suporte para o crescimento, vencendo a inércia provocada pelas condições topográficas adversas.

A complexização do espaço periurbano e o processo de difusão urbana ocorrem também em partes não estruturadas por eixos, como o caso do espaço periurbano de Mariana, que se estrutura ao longo da MG 129 e da BR 356 em direção à cidade de Ponte Nova.

Para todos estes espaços o processo de difusão urbana mantêm os mesmos padrões, que podem ser resumidos nas seguintes situações:

- crescimento dos núcleos urbanos preexistentes (urbanizações), em geral distritos, com adição de novos loteamentos (novos assentamentos), não sempre regulares, destinados a grupos de renda média e médio baixa, alguns dos quais se caracterizando como condomínios fechados;
- aparecimento e crescimento de novos núcleos urbanos a partir de pequenas preexistências edificadas, conformando-se como assentamentos pontuais de tipo residencial, ocupados por

grupos de renda média e médio alta;

- aparecimento de loteamentos privados (novos assentamentos) de baixa densidade, nos moldes dos condomínios fechados, ocupados por grupos de renda médio alta a alta.

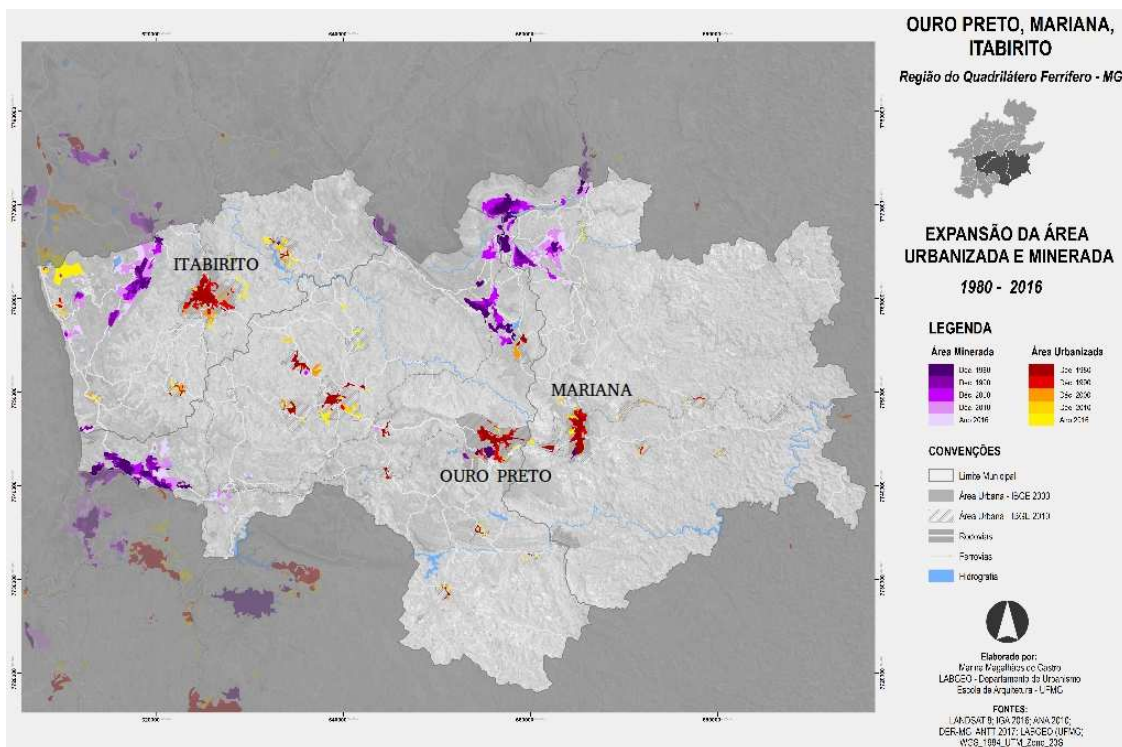


FIGURA 5: Mapa de expansão da área urbanizada e minerada de 1980 a 2016.

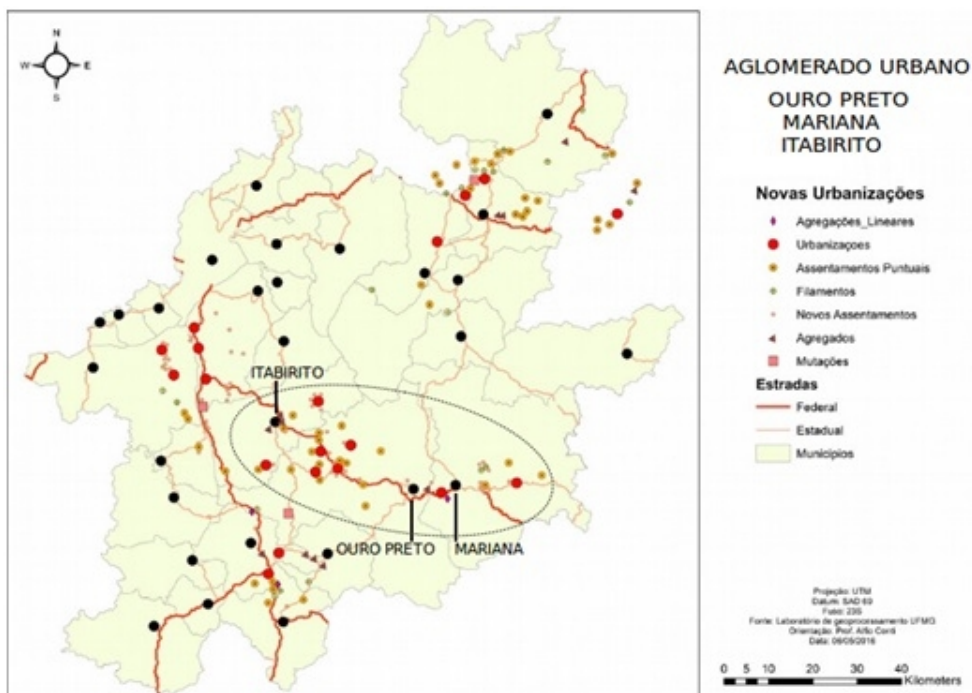


FIGURA 6: Mapa das novas urbanizações localizadas no aglomerado urbano de Ouro Preto – Mariana – Itabirito.

Para o eixo Itabirito – Ouro Preto observou-se a presença de um núcleo central composto pelo distrito de Cachoeira do Campo e Amarantina, que polariza o eixo por ter comércio e serviços de abrangência regional, se constituindo como uma polarização multifuncional. Este centro de eixo encontra-se em crescimento pela atração de novos assentamentos constituídos por novos loteamentos e novos condomínios fechados. Assiste-se a um alastramento da forma urbana destes dois distritos, que ocorre ao longo dos eixos viários regionais.

Neste mesmo eixo encontram-se dois distritos como Santo Antônio do Leite e Glaura, que se constituem como centralidades residências em formação, por agregarem novos loteamentos, sem com isso incorporar novos tipos de usos. Este dois distritos encontram-se próximos de Cachoeira do Campo e Amarantina e a implantação dos novos empreendimentos imobiliários ocorre no espaço entre estes distritos e o núcleo central do eixo, tornando possível, em um futuro não tão remoto, a conurbação.

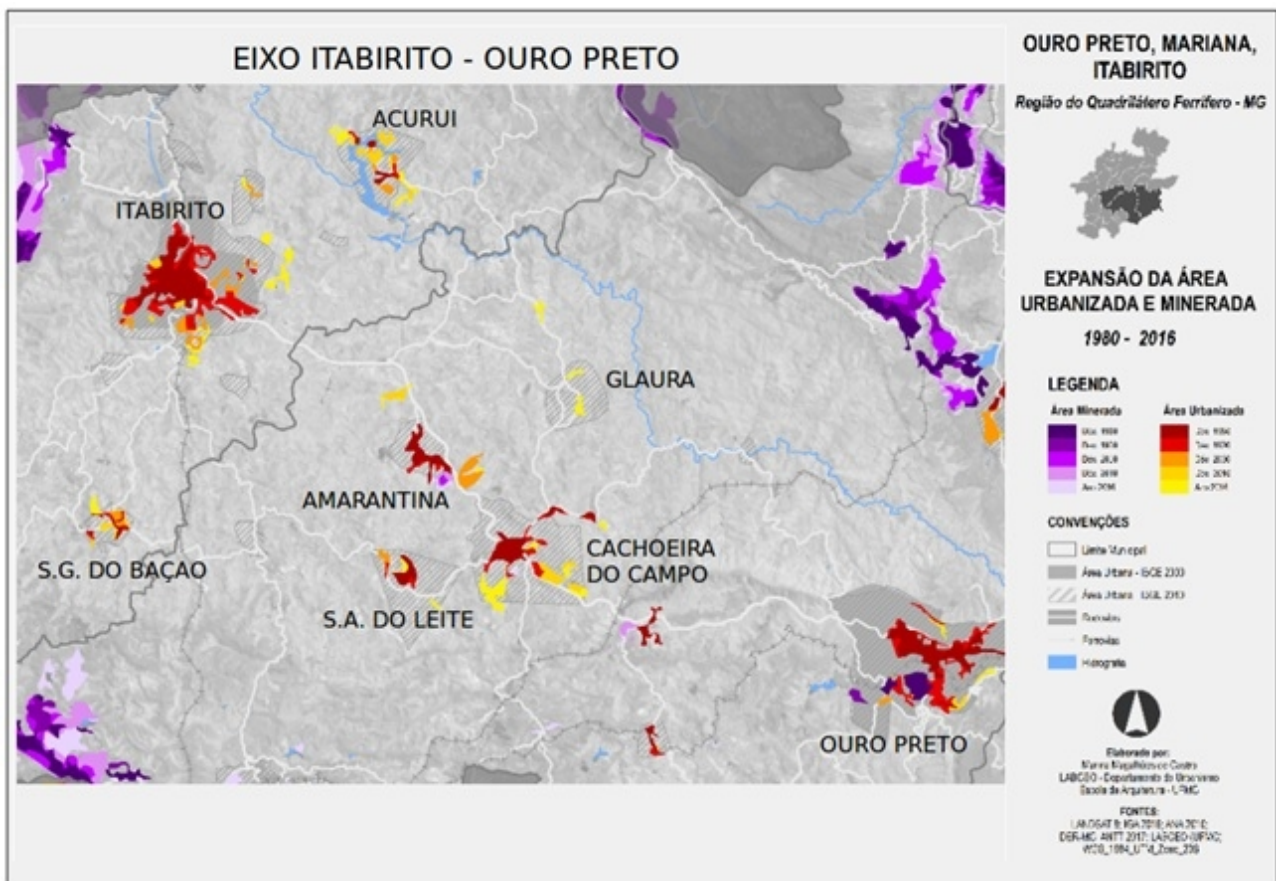


FIGURA 7: Mapa do crescimento das urbanizações no eixo Itabirito – Ouro Preto

Neste eixo entram-se, ainda, outros dois núcleos urbanos importantes, os distritos de Acurui e São Gonçalo do Baçao, que polarizam a porção noroeste e sudoeste, e que se caracterizam como centralidades residenciais por agregar novos empreendimentos, em geral, novos condomínios e loteamento.

A implantação de novos empreendimentos é impulsionada neste eixo, mas isso vale para todo o espaço em estudo, tanto pelo capital imobiliário local constituído por loteadores que, em geral não têm participação no ramo imobiliário como sua atividade econômica principal, quanto por empresas que atuam na região metropolitana de Belo Horizonte e no Estado de Minas Gerais, e que vendem estes empreendimentos, principalmente os condomínios fechados, da mesma forma independentemente do local, apelando-se tanto ao contato com a natureza, quando para a segurança oferecida com o controle rigoroso destes espaços.

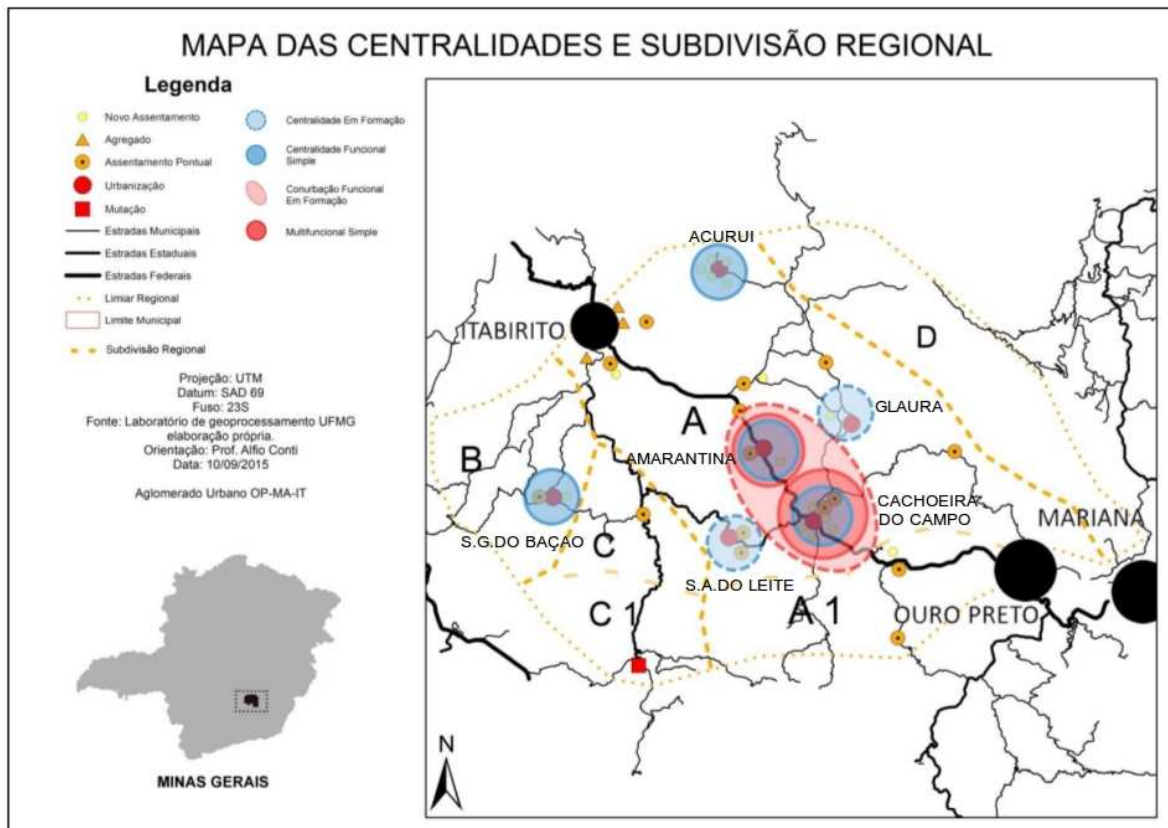


FIGURA 8: Mapa das centralidades do eixo Itabirito - Ouro Preto e subdivisão regional deste espaço.

Para o eixo de Ouro Preto e Mariana e para a parte do espaço periurbano de Mariana, estruturado pela BR 356, há a presença de distritos, alguns dos quais são de implantação mais antiga, como o caso de Passagem de Mariana. Para o eixo Ouro Preto – Mariana o processo de urbanização se desenvolve, não obstante as condições topográficas adversas da região, em direção a um cenário da conurbação entre as duas cidades, com o aparecimento de novas urbanizações, tanto ao longo da antiga via que liga Ouro Preto a Mariana quanto ao longo da mais recente BR 356.

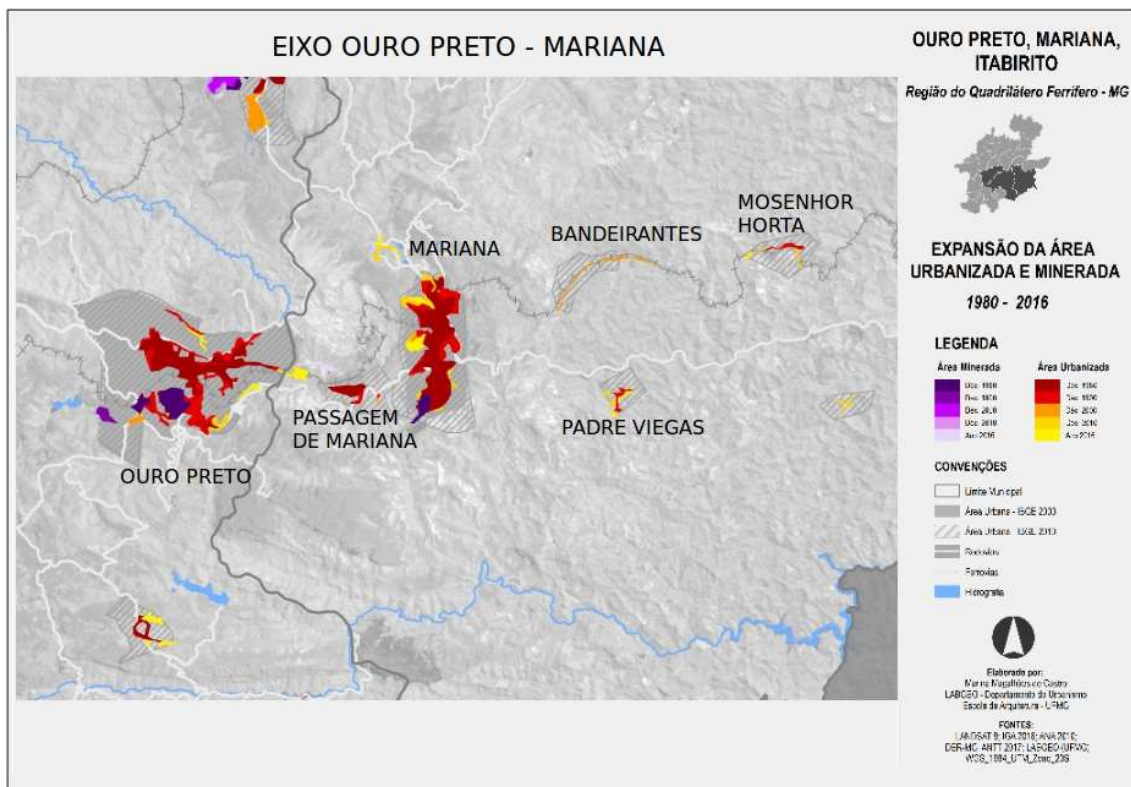


FIGURA 9: Mapa do crescimento das urbanizações do eixo Ouro Preto – Mariana e no espaço periurbano de Mariana.

Para o espaço periurbano de Mariana, estruturado pela MG 129 e BR 356, o processo de crescimento das urbanizações acontece rapidamente com a implantação de vários loteamentos, uma parte considerável dos quais são condomínios privados em condições irregulares, entretanto, este processo ocorre com velocidade acelerada, pois trata-se de um espaço dinâmico e em constante transformação, tendo uma ligação forte e direta com o distrito sede. São quatro os distritos que se localizam neste espaço, sendo estes: Bandeirantes e Padres Viegas, mais próximos de Mariana e Monsenhor Horta e Cachoeira do Brumado, mais afastados. A proximidade com o distrito sede, associada à propriedade da terra que se encontra nas mãos das principais famílias de Mariana, fazem desses distritos os locais ideais para a implantação de novos loteamentos, a maioria dos quais no formato de condomínio fechado. A MG 129 e a BR 356 constituem o eixo estruturador do vetor principal de expansão e crescimento das novas urbanizações, que ocorrem de duas maneiras:

- com os distritos mais próximos de Padre Viegas e Bandeirantes, que crescem mais rapidamente, por se localizarem a apenas 20 minutos de carro de Mariana, constituindo-se, deste espaço, a parte mais integrada ao distrito sede;
- com os distritos mais afastados como Cachoeira do Brumado e Monsenhor Horta, que crescem, mas com uma velocidade menor.

O que acomuna estes núcleos urbanos é o crescimento pautado no uso, quase que exclusivamente, residencial.

Por quanto dito este espaço geográfico desperta atenção, pois pelo seu dinamismo constitui-se como uma parte integrante do aglomerado urbano de Ouro Preto, Mariana e Itabirito.

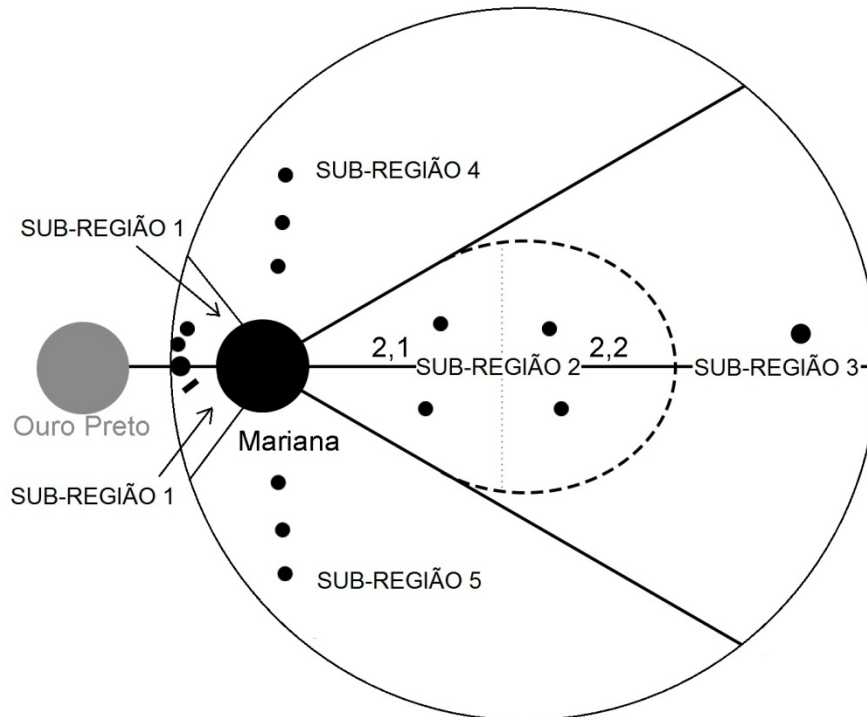


FIGURA 10: Croqui da estrutura do espaço periurbano de Mariana.

CONCLUSÕES

Os processos de configuração da rede urbana e dos novos processos de urbanização e dispersão urbana no espaço perimetropolitano da RMBH apontam que as novas configurações vêm assumindo um novo papel na expansão metropolitana, sinalizando a necessidade de se pensar essa questão para além dos limites administrativos e articulada aos novos processos sócio-territoriais. Tais processos reafirmam a lógica de expansão metropolitana, podendo ser compreendida como o estilhaçamento da ocupação urbana metropolitana para territórios nem sempre justapostos, que extrapolam os limites urbanos municipais, mas que são articulados pelas vias de comunicação.

No aglomerado urbano de Ouro Preto – Mariana - Itabirito, esse processo, que se acelerou nas últimas décadas, está relacionado ao movimento de expansão metropolitana do eixo sul, que associa dois componentes principais: a renda da terra obtida pela transformação de terra rural em urbana e os atributos ambientais e paisagísticos que agregam valor à terra urbanizada. Como demonstrado, a implantação de novos empreendimentos ocorre nos eixos rodoviários, mas não exclusivamente neles, e é praticada tanto por agentes locais que não tem o ramo imobiliário como

sua atividade econômica principal, como por empresas que atuam na região metropolitana de Belo Horizonte e no Estado de Minas Gerais e veem o aglomerado como possibilidade de extensão de seus empreendimentos, principalmente na forma de condomínios fechados, apelando-se tanto ao contato com a natureza, quando para a segurança oferecida com o controle rigoroso destes espaços. O efeito perverso desse tipo de urbanização é que ele não se associa ao desenvolvimento dos municípios, gerando efeitos como a irregularidade na ocupação de áreas ambientalmente frágeis, os custos de infraestrutura que acabam por ser necessários e o mecanismo indutor de novas ocupações. Importante ressaltar que esses empreendimentos possuem, geralmente, alguma irregularidade, seja em sua localização (áreas não urbanizáveis, áreas de proteção ambiental, etc.), na forma dos empreendimentos (condomínios de lotes, fechamento de espaços públicos) ou em seu processo de aprovação.

Nesse sentido, o aprofundamento do entendimento dos processos territoriais em nível regional e a concepção do aglomerado urbano como entidade regional potencializa a atuação do poder público em relação ao planejamento e direcionamento dos processos de expansão urbana que extrapolam o município isolado e possibilita a criação de mecanismos de atuação consorciada para resoluções dos problemas comuns, inclusive no sentido de aplicação de instrumentos de recuperação pelo poder público da mais valia urbana.

BIBLIOGRAFIA

COSTA, H.S. M. Natureza, mercado e cultura: caminhos da expansão metropolitana de Belo Horizonte. Mendonça, J. G.; Godinho, M.H. L. **População, espaço e gestão na metrópole: novas configurações, velhas desigualdades**. Belo Horizonte: PUCMinas, 2003.

COSTA, H. S. M. et al (orgs.) **Novas periferias metropolitanas: a expansão metropolitana em Belo Horizonte: dinâmica e especificidades no Eixo Sul**. Belo Horizonte: C/Arte, 2005.

CONTI, A. **O espaço perimetropolitano de Belo Horizonte - Uma análise exploratória**. PUCMINAS. Tratamento da Informação Espacial, Belo Horizonte, 2009.

CONTI, A.; VIEIRA, A. A. **As cidades centrais e os aglomerados urbanos da região Leste Sudeste da Zona Perimetropolitana de Belo Horizonte**. XVI ENANPUR, Belo Horizonte, 2015.

LENCIONI, S. **Transformações sócio-territoriais nas metrópoles de Buenos Aires, São Paulo e Santiago**. São Paulo: EDUSP, 2012.

MENDONÇA, J. G. **Segregação e Mobilidade Residencial na Região Metropolitana de Belo Horizonte**. (Tese de doutorado) Rio de Janeiro: UFRJ/IPPUR, 2002.

MENDONÇA, J.G. e CAETANO, A. **Minas Gerais e a Região Metropolitana de Belo Horizonte no Censo 2010** (relatório). Belo Horizonte: Observatório das Metrópoles Cnpq /INCT, 2010.

disponível em http://observatoriodasmetrolopes.net/download/RMBH_Censo_2010.pdf

MENDONÇA, J. G. e GODINHO, M. H. (Orgs.) **População, espaço e gestão na metrópole: novas configurações, velhas desigualdades**. Belo Horizonte, Editora PUC Minas/PRONEX CNPq, 2003.

MONTE-MÓR, R. L. 1994. Urbanização extensiva e lógicas de povoamento: um olhar ambiental. In: Santos, M.; Souza, M. A.; Silveira, M. L. 1994. **Território, globalização e fragmentação**. São Paulo: HUCITEC/ANPUR, 1994.

RANDOLPH, R. **Utopia burguesa ou revolução urbana?** Transformações da organização territorial e novas formas urbanas em áreas perimetropolitanas do Rio de Janeiro. In: XI Encontro Nacional da ANPUR, 2005, Salvador - Bahia. Anais do XI Encontro Nacional da ANPUR. Salvador: ANPUR, 2005.

REIS FILHO, N. G. **Notas sobre urbanização dispersa e novas formas de tecido urbano**. São Paulo: Via das Artes, 2007.

SOJA, E. W. **Postmetropolis: critical studies of cities and regions**. Malden, MA: Blackwell Publishers, 2000.